

CURADORIA: JIDDU SALDANHA & NATHALLY AMARIÁ

VOZES DA LIBERDADE



ESCRITORES CONVIDADOS

DAVID GOMES

LÍVIA MARIA

LUCAS CEDRO

LUDMILA LOPES

PATROCÍNIO



CABO LUGAR DE TODOS NÓS FRIO

SECRETARIA DE
Cultura

Lei Aldir Blanc



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Apresentação

"Uma nova geração de escritores está surgindo, na cidade de Cabo Frio, com uma produção séria e rica. Durante minhas andanças pela cidade, no exercício da pedagogia do teatro e da dramaturgia, acabei me deparando com uma "pegada" totalmente disruptiva. Por isso resolvi oferecer à quatro jovens, a quem tenho profunda admiração. Trabalho com curadoria de Jiddu Saldanha e Nathally Amariá.

Obrigado a todos
Jiddu Saldanha

David Gomes



Nascido em Minas Gerais, 1998, David Gomes escreveu o primeiro conto com 12 anos de idade, colocando no papel uma história de fantasia. Publicou quatro contos em antologias e o primeiro romance em 2017. Vencedor do Caveira Dourada 2020.

Um sonho surreal

capítulo único

Fui dormir triste aquela noite, faltando dois dias para o natal. Discuti com todos em casa, com todos meus amigos, fiquei com raiva do mundo. Tudo porque não me senti produtivo o suficiente, porque não tive o retorno que quis na hora que demandei.

Meus desenhos pareciam me encarar na parede oposta, com olhares julgadores enquanto eu ouvia uma música que me deixava ainda mais para baixo.

Não sei se tudo que passei no decorrer daquele dia foi realmente desinteresse ou apenas explosão do meu estresse no mundo exterior. Ser artista nesse país não é fácil, ser artista e parte da comunidade LGBTQIA+ no Brasil é ainda mais difícil.

O celular marcava 03:30 quando um clarão amarelo iluminou momentaneamente meu quarto, fazendo-me estreitar os olhos e retirar os fones incomodado. Levantei-me deixando a curiosidade falar mais alto em minha mente, e caminhei com os pés descalços até a janela; ninguém pareceu notar o relâmpago dourado, nem mesmo Leo, meu gato manchado, que continuou enrolado sobre a cama.

Afastei a cortina para ver e espantei-me: tinha um estranho caído no meu quintal! Não conseguia acreditar, que tinha um homem sentado no chão de terra batendo a poeira de um sobretudo colorido em pleno calor! Eu deveria sentir medo ou correr para acordar meus pais e minha irmã, mas apenas achei engraçado o jeito excêntrico do outro ajeitar um chapéu pequeno demais para a juba loira e cacheada que ele possuía.

– Olá! – disse ele, ao me ver; a voz levemente abafada pelo vidro da janela. Acenei.– Você está sonhando!

Contive um rir com a fala dele. Quem em um sonho falaria que estava em um sonho? Se fosse lúcido, talvez. Mas ali, não fui eu quem chegou naquela conclusão.

– Não estou não! – rebati.

Ele bufou como se estivesse impaciente e ergueu a mão acima da cabeça, estalando os dedos. Meu quarto desapareceu no instante do gesto dele, e, assustado, dei um passo para trás.

Estávamos em um espaço vazio, um lugar longe de ser onde morava. A sola dos meus pés tocavam uma superfície fria, como se estivéssemos sobre uma placa de cristal. Pude então, observar melhor o estranho sem a barreira da parede do meu quarto. Ele me observava com uma expressão que exalava alegria e confiança, com as mãos juntas diante do corpo.

– Peço que não se assuste, fui enviado para você com um bom propósito – disse ele, esboçando um leve sorriso. Tinha uma voz clara e encorpada, boa de ouvir. – Lhe dar seu presente de natal!

– Presente de natal? – Franzi o cenho e tomei coragem de me aproximar. Notei então, um broche de um gato idêntico ao meu Leo preso no sobretudo dele. – Quem é você, invasor de sonhos? Parece saber da minha vida.

– Me chame de Cal e vou lhe dar uma viagem ao cosmos! Tudo que precisa saber sobre mim. – Ele retirou o chapéu e jogou diante de nossos pés, logo estendendo-me o braço.

– Tudo bem! Vamos ir no seu chapéu? – perguntei ao segurar o braço dele, erguendo o olhar; ele devia ter uns um e oitenta.

– Chapéu? Não é um chapéu! – Cal riu e pulamos sobre o acessório.

Ele estava certo, pois ao pular senti-me cair em alta velocidade até parar abruptamente. Foi como cair em uma gigantesca bacia de gelatina, só que não havia pressão ao redor e o ar era limpo para falar; não sairia bolhas como no fundo do mar.

Diferente do espaço anterior, havia um misto de cores ali: azul-escuro, roxo e um incrível prateado como cristais que dançavam ao nosso redor. As cores eram tão vibrantes e belas, que não conseguiria descrever nem mesmo em meus quadros.

– Faltam dois dias para o Natal, mas pedi para o grande conselho lhe dar esse sonho hoje – contou ele, enquanto eu observava maravilhado os pontinhos brilhantes contornarem meus dedos. – Observei aonde costumo observar que não está bem, e que possui uma aura de tristeza ao seu redor. É artista, não é?

Ele tinha uma grande habilidade de não contar realmente quem era. Isso era estranho já que alegava ser tudo um sonho. Se ele não existia, por que proteger sobre si?

Voltei-me para ele em um girar no espaço, meus cabelos brevemente cobriram meu rosto e afastei-os para que não atrapalhassem minha visão.

– Sim – respondi. – Faço desenhos de paisagens que surgem na minha imaginação, e, se eu lembrar, desenharei esse sonho também. Divulgo minha arte em redes sociais e sempre que monto um rascunho, mostro para meus amigos. Me esforço tanto para que as pessoas vejam, pelo menos vejam o que faço que chego a parecer um idiota! Sou introvertido para fazer vídeos, mas sempre posto algo, abro pedidos de desenhos, mas... Não sinto o alcance que busco. Queria poder tocar a vida de alguém, que vissem esse mundo novo! Mas como? Não chega neles! Com isso, eu me estresso e encho meus amigos com tudo sobre mim! Qualquer linha eu mando, tanto que acabo os atropelando, esquecendo que também precisam se expressar. Nem minha família andei deixando falar, mas é tudo porque preciso de um lugar!

Desabafei. Mesmo ele sendo um completo desconhecido, desabafei. Talvez fosse o olhar compreensivo que ele direcionava a mim, atento e incomparavelmente acolhedor.

– Deu um grande passo, que é reconhecer que fala muito de si mesmo. – Ele me disse, enquanto eu observava-o tentando gravar cada traço do rosto dele; os olhos azuis, cachos loiros, face arredondada. – Ouça mais, mesmo que lute para soltar o que quer falar. Ouça, mesmo que não saiba comentar. Às vezes só precisa dar atenção. Você é ansioso para mostrar o que faz, apressado para que todos vejam e tenham a mesma empolgação pelo que você faz. Eles terão o momento certo para isso. Paciência, você será visto e sua arte acolherá corações.

Cal ergueu a mão e buscou um dos pontos brilhantes. Parecia ser o mais luminoso de todos que nos rodeava. Buscou minha mão e pousou o objeto sobre a palma; aquele foco brilhante de alguma forma me trouxe calma, e foquei a atenção nele. Meus olhos não ardiam, e, sem perceber, perdi Cal de vista.

Senti que caía novamente, minha visão escureceu e em instantes senti o colchão acomodado às costas novamente. Tinha acordado.

Livia Maria



Me chamo Livia Maria, tenho 20 anos,
nascida em Nova Iguaçu e moradora da
Região dos Lagos há 11 anos.

A arte salvou a minha vida.

Sempre me atraiu e encantou. Mas foi aos 16
anos que iniciei meu processo com poesia.

Achei o meu espaço, me fiz viva pelas
palavras.

Descobri através da escrita a possibilidade
de expressão e encontro comigo e com o
outro. Tantos outros e tantos eus.

A arte traduz

Não tá entendendo?
Deixa que a arte traduz
Só não posso ser displicente já que não existe termo inocente

É que o estado se contradiz
E pelas brechas o vamos quebrar
Dessa ferida social aberta, cuidar
Porque muito se coloca no passado sangue que segue a rolar

Mas é preciso nomear pra que não haja dúvida:
Negros, indígenas, mulheres, lgbs
Violências estruturadas, milimetricamente arquitetadas
E sustentadas

Por homens brancos, engravatados
Leis são assinadas,
Pessoas assassinadas,
Marielles executadas,
Crianças são alvejadas,
Cadeias superlotadas

Mas os crimes são abafados
Porque o cheque compra o estado
E a situação que se encontra a população?
Miséria e fome no país que joga fora aos montes e exporta alimentação

Sem saneamento básico para população
Mas pro gado é terra e água de montão
Pra invadir terra indígena, concessão
Mas ocupação pelos sem-terra isso daí não pode não
Expulsa! Deixa em situação de rua e que morra pra lá então
Facilita no genocídio já que sabemos a cor da maioria que ocupa essa
situação

Falta acesso a saúde e educação de qualidade
Parte do projetinho liberal cruel e covarde
Sucateia o público, privatiza e quer lucrar
O pobre nessa se fode como é de se esperar
Mas o discurso que circula é que basta se organizar, dar uma segurada,
economizar
Investir, empreender, ver a vida mudar

Enquanto a real é suor, ralação e correria
Trampando pra caralho e ganhando mixaria
Tem mês que a conta nem fecha e quer falar em economia?

Sem contar com o alto índice de desemprego
Projetado para manutenção da exploração
Péssimas condições de trabalho
Não gostou? Já é então

Vem outro e agarra
Lei da selva implantada pra gerar competição
Quem tá menos na merda?
Qual é a menos pior posição?
Ou tu se sente mais porque parcela, pega empréstimo, se endivida mas
circula de carrão?

O povo desunido enchendo o bolso do patrão
Vendo rico ser mais rico, caindo em alienação
E pra mudar a situação?
Ações cotidianas, rumo a revolução

Lucas Cedro



Lucas Cedro, 20 anos, natural de São Pedro da aldeia – Rio de Janeiro. Ainda pequeno, começou a se interessar pelo teatro e pela escrita. Em 2014, entrou no Oficena – Curso livre de teatro, em Cabo Frio, onde dedicou-se à dramaturgia.

Passou a fazer parte do NUDRA - Núcleo Livre de Dramaturgia, escrevendo mais de 20 textos teatrais, com mais da metade sendo encenada no curso e também nos grupos de teatro que participou.

Relatório semanal

Primeira semana: Não gosto da ideia de TER que registrar meus sentimentos aqui, sinto que a qualquer momento posso escrever alguma coisa errada. Eu também não sei se a última conversa fez algum efeito. Sim, eu sei que só tive uma sessão, mas não mudou nada, absolutamente NADA! Uma única coisa ficou rondando meus pensamentos desde a consulta, uma coisa não, uma pergunta. O senhor me perguntou se eu sabia a diferença entre viver e sobreviver, respondi que não, mas quero que saiba que eu menti. Doutor, às vezes a verdade dói e nem sempre estamos preparados o suficiente para encará-la.

Segunda semana: Estou em frente ao mar. Nuvens negras e pesadas se formam sobre a minha cabeça. Ponho meus pés na água salgada e mergulho-me lentamente. Sinto-me como um peso morto, um peso prestes a afundar. Os relâmpagos se transformam em um espetáculo perturbador de luzes. Meu coração batendo desesperadamente na garganta, garganta esta que, aos poucos, começa a ser invadida pelas águas. Me falta ar, me sobra medo. Meus pulmões vão ficando encharcados. Não há mais nada que eu possa fazer, então, me entrego.

Acordar nunca foi tão amedrontador: Meu lençol e minhas roupas molhadas de suor, um grito preso na garganta, a cabeça explodindo em pensamentos e uma dor sufocante no peito. Eu queria levantar, mas minha cama aparentava ter braços enormes, pernas gigantescas e uma boca que parecia querer me engolir. Fechei os olhos com força, tentei me concentrar na minha própria respiração e, mesmo não acreditando muito, orei. Depois de longos minutos eu consegui abrir os meus olhos, olhar em volta e respirar aliviado. Não tinha mais mar nem camas monstruosas. Tudo que havia me restado era um quarto bagunçado, roupas fendendo a suor, pacotes vazios de biscoito jogados pelo chão e um maço de cigarro que roubei da minha mãe, mas nunca tinha tido coragem de tragar, até aquela noite, é claro.

Terceira semana: O senhor me falou para escrever sobre os sentimentos, pensamentos e acontecimentos que me marcaram, né? Mas tudo que pensei e falei nesses últimos dias foi sobre ele. Me desculpa, mas ainda não estou pronto para isso.

Quarta semana:

– O almoço da semana está no congelador – disse ela, com uma voz monótona.

–Ok – respondi

Essa foi a maior conversa que tive com a minha mãe no mês passado.

Eu tenho fumado uns 5 cigarros por dia. É, eu sei que é uma péssima ideia se tornar fumante no meio de uma pandemia onde o vírus do mal ataca, principalmente, a droga do pulmão. Sim, eu sou um completo idiota! Eu quero parar, mas não consigo.

Na verdade, eu queria muito que a minha mãe sentisse o cheiro, queria que ela entrasse revoltada pela porta e esfregasse o maço de cigarro na minha cara. Mas ela não sente o cheiro, ela sequer se lembra que meu quarto existe. Ela, talvez, nem me veja de fato. Eu acho que é exatamente isso: MINHA MÃE NÃO ME ENXERGA MAIS! E sabe uma coisa triste? Eu sinto que estou perdendo a capacidade de vê-la também.

Quinta semana: É difícil gritar para si mesmo: VOCÊ NÃO TÁ VIVENDO, CARA! Não sentir nada é pior que sentir dor, medo ou raiva. O vazio é algo que consome a gente de uma maneira terrível. É desesperador admitir que você não vive mais. Dói ver a vida passar pela janela, enquanto você não tem força nem para escovar a droga dos dentes. Sim, senhor psicólogo, eu sei a resposta da sua pergunta, mas não me contento com ela. Sobreviver não me basta, eu preciso de muito mais!

Sexta semana: “It: A coisa” era o filme daquele fim de tarde. As luzes da sala estavam apagadas; as grossas gotas de chuva faziam um barulho desconfortável no telhado e lá fora o vento assobiava sem parar. Eu estava vidrado na tevê, não a percebi chegando. Ela chegou silenciosamente, sentou-se ao meu lado e colocou sua mão sobre a minha. Faz 4 meses que não temos nenhum tipo contato físico e, não vou mentir, aquele toque me deu vontade de chorar.

– É filme de terror?

– Sim, mas é tranquilo!

– Posso ficar aqui com você?

– Se você quiser, pode.

Um silêncio constrangedor tomou conta do lugar. Ninguém estava mais prestando atenção no filme. Percebi que ela queria falar alguma coisa, mas nada saía de sua boca. Eu, por outro lado, comecei a chorar compulsivamente, sem perceber que ela também chorava.

– Me ajuda? – perguntei.

– Com o o quê? – ela respondeu.

– Eu to desistindo.

– Desistindo de quê?

– Desistindo de mim, mãe! – disse, virando-me em direção a ela.

Quantas vezes, nos últimos 6 meses, eu olhei nos olhos dela? Os olhos da minha mãe não estavam cheios de vida como o de costume, eles gritavam por socorro. Como eu não havia percebido antes? Ali, sentado naquele sofá, eu entendi que não era o único prestes a desistir.

– Me desculpa?

– Não precisa pedir desculpas, filho.

– Mãe, eu sei que o amor não cura tudo, mas ele resolve um bocado de problema. Quer passar por esse inferno comigo? Eu acho melhor você aceitar, você não tem muita escolha.

Ela deu um sorriso de canto de boca, deitou sobre o meu ombro e dormiu.

Sétima semana?: Não estou conseguindo escrever direito, estou completamente perdido nas datas. Estávamos com algumas contas atrasadas, a nossa luz foi cortada e não tive dinheiro para pagar a consulta. Eu também fiquei sem internet, estou muito ferrado na escola por isso, acho que não vou conseguir passar de ano. Estou louco para voltar as aulas presencias, não sei se vou ter dinheiro para pagar a internet todo mês. A GRANA ESTÁ CURTA DEMAIS! Tenho que agradecer muito a minha vizinha, ela é professora e tem me ajudado. Sobre a minha mãe: a gente conversa pouco, mas ela tem me acordado todos os dias com café da manhã na cama. Eu não sei você, mas chamo isso de evolução. Sobre mim: Na terça eu fiz uma caminhada, foi uma caminhada curta, mas eu pensava que nunca mais conseguiria colocar os pés para fora de casa. É, as coisas ainda estão difíceis, mas melhorando a cada dia. Fico feliz por isso!

Oitava semana (eu acho): Depois que algumas feridas vão cicatrizando, fica menos difícil falar sobre elas. Hoje faz 8 meses que ele se foi. O meu pai era um homem trabalhador, sabe? Sempre foi à luta com um sorriso estampado no rosto. Ele morreu sozinho, em um dia quente, sobre uma maca fria, em hospital lotado. Naquele hospital não tinha medicamentos, respiradores ou oxigênio. Eu não me despedi dele, não teve velório; ele foi enterrado às pressas.

Lembro-me de chegar devastado em casa, ligar a televisão e escutar: “E daí? Eu não sou coveiro!”. O homem que deveria nos prover o mínimo de dignidade estava zombando da dor alheia, estava zombando da minha dor. Mas é como já cantava Ednardo: “Eles são muitos, mas não podem voar.”.

Nona semana: Estou enraivecido, sinto que retrocedi! De 7 dias, não levantei 5.

Décima semana: Ok, confesso que coloquei “décima semana”, mas não faço ideia se é isso mesmo. Eu tenho escrito de forma aleatória ultimamente. Também ando refletindo sobre o futuro, estou pensando em cursar letras, ainda tenho muitas dúvidas com a língua portuguesa, mas estou me esforçado muito e a suas dicas são SUPER valiosas. OBRIGADO.

Décima primeira semana: Ontem eu tive a melhor briga de toda a minha VIDA! Eu estava no meu quarto, esbaforido, depois de uma faxina – Não fazia ideia que uma simples faxina no quarto poderia ser algo tão libertador– e decidi fumar pela ÚLTIMA vez. As janelas abertas para o cheiro não tomar conta do lugar, o sol batendo levemente no meu rosto e Gonzaguinha tocando no meu Spotify: A vibe quase perfeita para relaxar, se não fosse aquele maldito cigarro preso entre os meus dentes. A distração era tão grande que eu não percebi minha mãe entrando completamente surtada pela porta.

– Que CARAMBA é isso, Rafael? – “Caramba” não foi a palavra usada, mas acho feio escrever palavras de baixo calão aqui.

- Mãe...
- Você está fumando desde quando?
- Mas...
- Você está querendo me matar, só pode. O que eu fiz para merecer isso?
Me RESPONDE, RAFAEL!!!!!!

Ela olhando sério para mim, eu olhando assustado para ela.

- Por favor, nunca mais faça isso!

- Pode deixar, mãe.

Eu comecei a gargalhar, a cara séria dela se transformou em uma carranca brava, depois só em uma carranca levemente brava, depois em uma carranca levemente brava com um pequeno sorriso, depois... depois nós dois estávamos gargalhando juntos.

- Quer dançar? – perguntei.

- Promete que...

- Prometo!

Nós continuamos a sorrir, mas começamos a dançar. Dançamos todos os ritmos que poderíamos dançar, mas também choramos; choramos juntos. Lembramos dele, mas não sofremos, celebramos. Ontem, pela primeira vez em meses, nós estávamos felizes!

Ludmila Lopes



Ludmila Cardoso Lopes, nascida em Cabo Frio, no ano de 1999. Hoje, com 21 anos, cursa o quinto período de Jornalismo, na Universidade Veiga de Almeida.

Tem como principais paixões sua filha de um ano e escrever. Atualmente, está finalizando um projeto de livro de romance, conduz uma página de poesias no Instagram e Facebook (@Vozdogrito) e estagia dentro de sua área de estudo.

Seu maior sonho é viver de sua escrita, seja através do jornalismo, de suas poesias ou seus romances. "Jovens nasceram para voar, e a escrita é uma espécie de asas para quem tem imaginação." Diz Ludmila.

Poesia

Um cara me mandou mensagem
perguntando: “vamos sair mais tarde?”
Sem interesse, logo disse: “não!”
De um minuto para o outro virei “vaca, vagabunda” por um simples “não!”

Pornô bom, é brasileiro!
Mas para andar do lado tem que ser recatada,
senão, vai morrer só e mal amada!

Sair pra você, é tipo puteiro!
E ainda acha que ela depende do seu dinheiro!
Não me surpreende tu votar
naquela blogueirinha que só serve pra tweetar! .

Só fala merda, tá osso!
Logo eu, que sempre tenho o que falar,
tive que ficar quieta, porque não tem o que falar!

Mais de um ano da morte de Marielle,
mas o que importa é o que é “Golden Shower”.
Além de apoiar um ator pornô,
ele é o próprio ator pornô!

Mulher boa pra você, é mulher quieta, calada.
Mas tu nem sabe o significado de “mulher emponderada”!
Mas tem que aprender a ponderar essas “merdas” que tu fala!

No primeiro encontro, espancada!
Esse aí, nem teve como usar a desculpa de que foi por “amor”...
E no final, nem importa sua dor,
porque pra mídia você é só mais uma que deu motivo para levar porrada!

Estuprada pelo cunhado,
queimada pelo namorado,
morta pelos DOIS!

A cada onze minutos uma mulher é estuprada no Brasil.
Sempre agredidas, violadas, violentadas...
Relacionamentos abusivos,
proibidas até mesmo de sair de casa!

– Mas pra você, nós somos as culpadas!
Roupas, atitudes, diminuem nosso valor!
Mais uma vez passando pano para abusador!

A criança é abusada por estranhos, pai, padrasto...

Ela também é a culpada?

Mas o que vale, é a sua opinião, afinal...

Você é macho, muito macho!

Teu maior medo é mulher que não aguenta a porrada calada;

Tem medo de mulher que voa, de mulher que tem asa!

Não vai ser seu terror psicológico que vai interditar essa estrada.

Afinal:

Diabo é bicho solto;

Mulher é bicho livre!

E os dois juntos, formam um só!

FICHA TÉCNICA

Vozes da Liberdade

CURADORIA

Jiddu Saldanha & Nathally Amariá

CONVIDADOS

David Gomes

Lívia Maria

Lucas Cedro

Ludmila Lopes

Projeto Gráfico

Jiddu Saldanha

